

# Bandidos sem disfarce

Dom.

16/9/64

A situação difícil do nosso País começa a entrar na conversa de rua do nosso País. Um dia destes, numa paragem de machimbombos, um grupo de mulheres comentava os crimes realizados pelos bandidos armados. Não eram boatos, asseguravam elas. Familiares que tinham passado na estrada serviam de suporte para a veracidade das suas histórias. Achei genuína a sua convicção, assim como eram verdadeiros o ódio e a tristeza com que relatavam as barbaridades dos inimigos do nosso País.

De repente, nasceu entre elas uma breve discórdia. **«Esse caso parece que não foram os bandidos mas os milícias daquela zona»** disse uma delas. Houve opiniões divergentes, sem que umas esperassem que as outras terminassem de falar.

Finalmente uma sobrepôs-se ao vozear das outras. E disse: — **Milícias que se extraviaram do nosso controlo ou bandidos, qual é a fronteira? Não estão ambos armados, não são igualmente ban-**

**didos»?**

Aceitaram aquele consenso. No fundo, em palavras simples, elas produziam uma advertência feita já durante a luta armada para se definir correctamente o inimigo e os seus agentes. Não são as fardas, não são as armas, não é a tribo nem a cor da pele que identificam quem está de um e de outro lado. É o comportamento. Os verdadeiros milícias, aqueles que abnegadamente defendem o povo caracterizam-se pela sua relação amistosa com as massas populares. Os agentes da reacção podem envergar o nosso traje, servir-se dos nossos símbolos mas não são nunca capazes de assumir o nosso comportamento. Porque o nosso comportamento, a nossa disciplina reflecte o amor profundo pelo povo e pela Pátria. E isso não é passível de disfarce quaisquer que sejam a arte e o engenho dos inimigos. ■

N.M.